



O Gaiato

26 DE AGOSTO DE 1967
ANO XXIV — N.º 612 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA * FUNDADOR Pai Américo * VALÉS DO CORPELO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * OBRAS
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR Padre Carlos * COLLECTOR E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



Há quinze dias publicámos foto da casa.
Hoje do jardim que a circunda.

A OBRA DA RUA

em MOÇAMBIQUE

Ainda não saiu o último jornal, quando escrevo esta notícia. Ainda, pois, nos não chegaram ecos do sentir da Família de fora, especialmente dos moçambicanos, à boa-nova revelada há quinze dias. Mas tenho a certeza de que eles não faltarão. E como hão-de ser ecos de amor, de amor em obras (que só de palavras o amor é vão!), eis-nos a dar-lhes o tom.

Eu creio que nunca contei aqui de como veio às nossas mãos a quinta de S. Tiago, ao Km 15 de Lourenço Marques, na estrada do norte.

Foi no Janeiro de 65. A carta dizia-nos de um antigo desejo de dar à Obra algo de substancial, para o que chegara a hora de satisfação. Sabendo que não aceitamos heranças, a Esposa convenceu o Esposo e ambos decidiram pôr imediatamente à nossa disposição aquela propriedade de 55 hectares ali à beira de Lourenço Marques. Embora pensando que seria para Moçambique o próximo passo fora do berço, não supúnhamos ser já a ocasião dele. Por isso respondi, de forma muito desinteressada, que quintas não nos faltariam quando fôsse o tempo de dobrarmos o Cabo da Boa Esperança. Tinha razão para ficar melindrado aquele casal. E ficaria, se mais forte que o amor-próprio não fôsse o amor sincero com que nos quer. Daí que o correio trouxe na volta outra carta: «Que não senhor, que a quinta havia de ser para nós — e havia mesmo!; senão agora, quando pudesse ser; e que ficavam esperando que a fôssemos ver».

Eu ia às Casas de Angola o verão seguinte. De lá sempre é um pulo!... Fui. Vi. E compreendemos que talvez esta oferta, tão espontânea, tão veemente, tão discreta da parte dos doadores, quanto não buscada nem querida por nós, fôsse um sinal do Céu a dizer que a hora da Obra da Rua em Moçambique se aproximava.

Vamos começar como nunca, numa pequenina casa, sim, mas airosa e provida do que é necessário ao grupo fundador. Não estamos habituados a tanto. Temos sido sempre herdeiros de ruínas. Deus permita que o bem-estar desta primeira instalação

Continua na TERCEIRA pág.

Filhos ilegítimos?

«Uns comem os figos... A outros rebenta a boca...»

Assim diz o nosso Povo. E a lei parece confirmar a legenda, deixando impune o único culpado e defendendo tão ardorosamente os direitos de intocabilidade da Família legítima à custa dos frutos inocentes da ilegitimidade, sobre quem pesam todas as consequências infelizes do seu nascimento.

Continuando o seu pensamento sobre o que seria na hipótese do «reconhecimento aos filhos ilegítimos de direitos e obrigações semelhantes aos dos membros da família», escreve o Autor: «...no campo das sucessões, por exemplo, poderia ter

grande importância o regime de aquisição da herança, a possibilidade de exigir bens desta em espécie, de intervir em inventários e neles licitar e partilhar bens, e outros aspectos semelhantes em que, tantas vezes, a solidez e a intimidade da família são comprometidas pelo desvio, para estranhos, de bens em que se materializavam as suas tradições e eram esteio da sua organização».

Eu tenho pena que logo o exemplo escolhido incida sobre um tema tão material como a «aquisição da herança». Ele há outras razões pelas quais lutamos em favor de mais semelhança nos direitos e obrigações entre aqueles que têm, de si mesmos, igual mérito a respeito do seu nascimento. E estas razões apreendemo-las da vida, da vida de convivência com os nossos rapazes, que nos levam a gastar tempo e dinheiro por amor de um nome que apague o opróbrio do incógnito escrito no seu registo de nascimento.

Foi assim um dia da semana passada. Ele vai casar e deseja comparecer no grande acto

Continua na QUARTA página

Aqui LISBOA

Faz agora um ano que lançámos nestas colunas um apelo a todos os Amigos da Obra em ordem à obtenção de recursos para a construção de uma Aldeia na nossa quinta do Tojal, nos moldes daquela que Pai Américo levou a cabo em Paço de Sousa. Se os resultados verificados estão longe de ser desanimadores, nem por isso deixam de ficar muito à quem do que seria de esperar, sobretudo em relação às possibilidades da Capital e arredores, onde o recrutamento dos nossos Rapazes se faz em particular.

Uma visita recente à Casa Mãe da Obra, cada vez mais bela, onde sentimos de um modo especial o influxo do espírito de Pai Américo, faz-nos renovar o apelo atrás referido, conscientes de que é preciso avivar a necessidade de possuímos nos arredores de Lisboa uma Casa do Gaiato digna desse nome, em que as condições materiais facultem a possibilidade de acorrermos aos inúmeros chamamentos feitos de todos os lados e por todas as vias. Não basta lamentarmos a situação de muitos jovens; é preciso expressarmos em actos de desprendimento e de renúncia o nosso amor

pelos que sofrem. Farto de lamentações está o Mundo cheio!

Vamos começar dentro de dias com os caboucos das novas oficinas, obra que irá além dos oitocentos ou mesmo do milhar de contos, a avaliar pelo custo das construções já feitas. Não temos em caixa um tostão, mas não duvidamos de que elas serão, mais tarde ou mais cedo, uma realidade viva, a atestar que Deus não dorme, embora isso exija de cada um sacrifício e algumas dores de cabeça. Cimento, tijolos, areia, pedra, ferro e toda a espécie de materiais são indispensáveis; mas sem actos interiores de amor eles não serão possíveis, por muitos milhares que se possuam ou esbanjem por esse globo fora.

Não nos dirigimos aos egoístas, aos bem instalados, àqueles que só olham aos seus interesses e apenas procuram acumular cada vez mais. Dirigimo-nos aos pobres em espírito, que são bem-aventurados no Evangelho e para quem é o Reino dos Céus. Com estes contamos, quer tenham poucas ou muitas possibilidades

— CONTINUA NA TERCEIRA PAGINA —



A fonte da nossa água em Lourenço Marques.

ANO ESCOLAR

Felizmente, não houve grandes tristezas cá no norte com o ano lectivo que acaba de terminar, pois quase todos responderam e isso contribui para que não houvesse dores de cabeça em ninguém.

Tanto a escola primária como a secundária tiveram ambas razoáveis resultados. A quarta classe ora por que fosse bem aplicada, ora pelo seu professor, homem de muita consideração de todos nós, conseguiu excelente exibição, pois todos quantos assistiram às provas, saíram da sala a comentar: «Os raios dos Gaia-tos percebem disto!...» E isso foi também uma prova de consolidação para todos nós.

No Ensino Técnico, os resultados foram agradáveis e todos ficaram satisfeitos com o que conseguiram pelo esforço dispendido durante o ano.

Na Escola Industrial Infante D Henrique, andaram somente dois e também não há que desanimar, apesar do falhanço de um deles, que não tem razão de não ter passado, pois no emprego que tinha, o tempo não lhe era escasso para estudar.

O outro esse sim, pois com vontade consegue-se tudo e

ele conseguiu. E vejam que havia de ser logo um angolano, um daqueles três irmãos que os nossos leitores conhecem, o qual fazia todos os dias duas viagens de comboio, de Cete ao Porto e reciprocamente.

Dos dois que trazemos no Liceu também tenho a dizer que ambos passaram mas não como se esperava deles, pois um reprovou a uma disciplina e contámos que não ficará isento de propinas.

Dos dois que andam no Colégio João de Deus, de que também sou aluno, correspondemos todos.

Neste estabelecimento de ensino e educação que tão bem nos acolhe e onde tantos dos nossos rapazes têm conseguido melhorar as condições de vida, esteve este ano um dos nossos que não correspondeu.

Este rapaz, idóneo para o estudo, rejeitou assim a oportunidade de singrar na vida.

E havia eu de terminar este artigo com uma notícia tão triste ao contrário daquilo que disse ao principiá-lo!...

E a acabar só desejo que os nossos leitores estudantes tivessem tido melhores êxitos do que os nossos nos seus exames.

Alvaro Henriques

Vim habitar na «casa da mata», onde a simplicidade de Pai Américo vive. A minha prole é feliz neste recanto. Eu também. Volta e meia, vêm ter aqui alguns rapazes. Hoje foi o «Iscas». Vinha a rilhar um pêssego, e com mais deles nos bolsos. Inquiri do achado.

— Fui ali às árvores.

Esta naturalidade fez-me pensar e levou-me ao amor da Família. Não ralhei. «Fui ali às árvores!» Fiquei desarmado com esta frase. Se fosse polícia, havia de ralhar e não sei que mais. Aquela resposta deu-me a noção de posse deles. Não ralhei mas colhi amor dando do que tinha. Só pude dizer que a fruta era de todos e para todos. A lição ficou. Soube-me bem ver saborear os pêssegos que o «Iscas» trazia. Obrigado Senhor porque sou irmão e não polícia.

x x x

Batatas, batatinhas e batatões. Eu ando a par da colheita da batata.

Tu que só vens ao domingo, não vês nem podes sentir o viver dos nossos rapazes. Cada um come o pão com o suor!

Há dias, o nosso Rogério de Setúbal teve esta frase: «Isto é um mundo de sonho!» Ele passou pró 7.º do liceu, e sabe onde a maravilha dos poetas.

Vem à semana e visita-nos: Aqui a Tipografia, ali a carpintaria, mai-la serralharia. Um a varrer as ruas e acarretar lenha pró forno e pró fo-



VISTAS DE DENTRO

gão. Este cuida das aves, aqueles dos bois e das vacas, outros dos porcos. Este passa a ferro a roupa que outros vestem. Há deles nesta e naquela obrigação, coisas que levariam rios de dinheiro, se fossem estranhos a fazer.

E melhor o mal feito dos rapazes do que o bem feitinho de estranhos!

O «mundo de sonho» do Rogério!

x x x

Passarinhos. Assim como em Setúbal, aqui também. É moda ver-se passarinhos aqui e ali, ao cuidado destes rapazes cheios de afeição pelos seus protegidos.

Eles dantes escorraçados e repelentes são hoje portadores de carinho e afeição.

No domingo, estávamos na nossa capela, e presenciei que havia dois coros em louvor ao mesmo Senhor: Nós dum lado, e o chilrear dos passaritos doutro. Isto é a Casa do Gaia-to!

x x x

Eu vinha de passear com os meus filhos Ia no caminho que leva à nossa mata. Encontrei um grupo de quatro encostados à beira do caminho.

Sorri pra todos, e pela correspondência deles, vi que havia esturro. Inquiri do porquê ao mais pequenino do grupo, e vi lágrimas. Um dos maiores, da roda dos treze anos, contou-me o sucedido.

Vi que tínhamos tribunal ou inquérito. Este era o juiz; o das lágrimas o réu. Acarinhei mais este e vi mais lágrimas. Cheirou-me a inocente.

O juiz — chefe em treino — clama que havia testemunha do delito. Era um dos quatro presentes, o Tónio — um rapaz de côr, que veio de África.

Armei-me em advogado do réu, e pedi ao juiz que tivesse muito cuidado com a Justiça. Ele mandou o réu mais a testemunha de acusação que fossem prás suas obrigações.

Acabava eu de prégar ao chefe o valor da Justiça quando sai da mata uma chusma deles a clamarem a inocência do réu, e a dizerem que tinha sido o «Iscas».

Dei ali mesmo graças ao Senhor por mostrar o verdadeiro réu, e sair da culpa um inocente.

Ai mundo que tantas vezes amarras o inocente e deixas livre o culpado, a fazer mais crimes!

Psicologia para quê, se o amor ultrapassa todos os estudos?

A amor ao homem vale muito mais do que quantos estudos há. Anda, sai do teu mundo, e vem aprender dos pequeninos inocentes que são os rapazes da rua.

Ernesto Pinto



EIS O ENCANTO DO ERNESTO PINTO: A SUA PROLE.

A OBRA DA RUA em Moçambique

Continuação da PRIMEIRA pág.

em Moçambique não nos amoleça as asas de cabouqueiro, pois imensa é a tarefa que ali se nos apresenta, de construir uma Aldeia onde recebamos em sua casa os Rapazes por amor de quem vamos.

Ora aqui é que eu vou começar a minha lista de sugestões para que os ecos de satisfação falados atrás se objectivem e realizem em obras o amor com que contamos como certeza fundamental, colhida da experiência do carinho recebido nas nossas visitas anteriores.

E estes ecos não os desejamos apenas do Povo de Moçambique. Esperamos que os Amigos da Metrópole não se irão meter-se em brios para que não partamos de mãos vazias, daquilo que é razoável que levemos como enxoval para os primeiros tempos.

Como «a Capela é o Centro», principiemos por aqui. A Capela, para já, vai ser um pequenino Altar numa dependência da Casa que a fotografia do derradeiro jornal mostra. Mas as alfaias podem e devem ser já definitivas, para servirem a Capela que há-de ser na futura Aldeia. Cálice..., já alguém levan-

tou o dedo e disse: «É comigo». Falta pixide, missal, galhetas, paramentos, toalhas de altar, castiçais, patena da comunhão... Falta tudo, a bem dizer. E acrescentamos que Pai Américo entendia, e nós não deixámos de entender, que para o Serviço do Altar quer-se sobriedade, sim, mas autenticidade — e nas nossas Capelas tudo é simples, mas digno e bom.

Vamos agora aos utensílios caseiros. Prestem atenção as Senhoras. O que não é preciso!... Lençóis, toalhas, panos de cozinha, louça de cozinha, louça de mesa, talheres... Cobertores já temos. Foi da remessa da Senhora deles no Natal passado. Também precisamos de candeeiros de iluminação, pois a electricidade para a uma légua da nossa quinta e não sabemos ainda quando lá chegará.

Camas individuais também não há. São precisas 12 para os que vão, com a respectiva colchoaria. Camas de ferro, simples mas robustas. Quem as toma à sua conta? — e nós encomendamos!

Temos ainda outros utensílios indispensáveis, como sejam: máquina de costura, ferros de engomar, equipamento para uma pequenina enfermaria e posto de tratamentos. Apesar de sermos uma «desorganização organizada»

também haverá um escritório caseiro a necessitar de uma máquina de escrever. E alguém se escandalizará se falar aqui num frigorífico a petróleo ou gaz e num rádio de pilhas, visto não termos electricidade?!

Vamos agora a coisas pesadas. São os transportes. Uma boa notícia a principiar: Alguém nos dará uma carrinha. Será arma importantíssima a facilitar-nos a vida, sempre e nomeadamente nas muitas voltas dos primeiros tempos. Além da carrinha, muito geito faria uma bicicleta, com motor ou sem ele, talvez até sem ele, dado que motores nas nossas casas são fonte de muitas dores de cabeça... e subidas ali não as há.

Para mais tarde, quando começar a construção da Aldeia será muito conveniente uma camioneta. Mas deixemos a cada dia a sua malícia!

Mais urgente será um tractor. Vamos a ver de onde ele virá.

E nem que falem ainda muitas coisas que ora me não ocorrem, bom é, pois a lista já vai longa e não pretende assustar ninguém! Lá como cá, há-de cumprir-se o que ensina a sabedoria do Povo: «Onde todos pagam nada é caro». E nós contamos com todos; com um bocadinho de cada um.

Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA página

materiais. Também foram vários os homens a passar pelo seu semelhante prostrado à beira do caminho, ferido e sem forças, mas só um parou e o socorreu.

x x x

A persistência na luta será uma das armas utilizadas nesta guerra pacífica de pôr ao serviço dos nossos Rapazes instalações adequadas. Continuaremos a bater a muitas portas, mesmo que primem pelo silêncio ou por respostas evasivas, piores do que o simples «não». Nenhum dos passos, todavia, será inútil, pois terão, pelo menos, a grande virtude de desmascarar alguns. Queira Deus, no entanto, que as ofertas de salvação, feitas

Continua na QUARTA página



Filhos ilegítimos?

com o nome completo. Fomos os dois ao interior do Minho. Andámos por carreiros até ao miserável casebre onde mora o pai. Pegámos nele e fomos à Comarca. A muito rogo, por muita deferência pelo meu tempo, aquiesceram em registar naquele dia a perfilhação. Era tardinha quando voltámos. Fora a viagem, tinham ficado

por lá uns centos de escudos. A respeito da herança... trouxemos a dor do conhecimento

de como vive o pobre homem e a resolução de lhe levantarmos uma casinha pequenina, onde ele possa acabar os seus dias abrigado britando pedra da pedreira pegada que lhe dá o pão, um pão sem adubo de 20\$00 por dia.

Nem só, pois, questões de herança são objecto «de cada um daqueles institutos do direito civil em que se manifesta a qualidade de membro da família»!

Mas voltemos ao texto acima transcrito e perguntemos o significado daquele estranho. Acaso não são irmãos os filhos do mesmo pai? Supunhamos então (por ser talvez, o caso mais frequente) que é o pai o autor da infidelidade à sua família. Os filhos que ge-

rou na ilegitimidade não estarão relacionados por ele e nele com os que gerou de sua esposa? Não corre nuns e noutros o mesmo sangue? Estranhos!... — como?

Não é a família legítima arrastada nas consequências de outros passos falsos do progenitor? Se um negócio desastroso importa a perda da fortuna, não são os filhos legítimos atingidos pelo insucesso paterno? Porque não hão-de sê-lo também se o insucesso do pai foi de ordem moral e tem como remate a divisão por mais um da fortuna familiar? Se o mau negócio traz aos herdeiros o dever de saldar as dívidas do pai, porque não hão-de saldá-las quando se não trata de dívida puramente material, mas de outra ainda mais alta?!

Esta visão da «solidez e intimidade da família», da sua defesa do perigo de «desvio de bens em que se materializavam as suas tradições e eram esteio da sua organização», obrigar-nos-ia a retroceder a idades passadas para lhe podermos ser sinópticos; não corresponde de modo algum ao clima de partilha, de compromisso do indivíduo no bem comum, mesmo com sacrifício do seu bem privado — aliás bem mais cristão — que caracteriza o nosso tempo, em que nem tudo é pior que no passado.

Se o pai pecou, a família que tenha paciência, mas cabe-lhe parte na expiação do pecado do pai. Ela não é solidária com ele só a respeito de direitos e de bens, mas também no mal, inclusivé o moral.

Aceitamos que sofrerá sem culpa... Mas a ofensa maior que lhe foi feita — repito — foi a infidelidade do pai. O resto são corolários materiais dessa mesma infidelidade, mediante o que participa no sofrimento que cabe à parte ilegítima, a quem já basta o ferrete da ilegitimidade que traz sobre si sem culpa alguma.

OVO de Colombo

Em o número anterior havíamos dito que mal saísse prá rua o **Famoso** estariam já servidos os assinantes da letra A. Graças a Deus, porém, a previsão foi muito pessimista! Ainda o **Famoso** estava a ser expedido e o **Ovo de Colombo** caminhava já entre os amigos da letra L!!

O correio, por isso, tem sido mais volumoso. Cartas, postais e vales do correio. Algumas delas recheadas de muito carinho. É o interesse dos leitores. Sim; leitor que lê, dialoga. Um da Extremadura renova até seu propósito longínquo de andar prá frente com o **Património dos Pobres** em sua paróquia! Pede esclarecimentos. Quer saber, inclusivé, qual a situação jurídica da **Obra** — eminentemente paroquial. Tenho pena de não possuir a carta, pois revela como o **Ovo de Colombo** deita mais achas no fogo e consome corações inquietos pelos Pobres e até pela negligência e omissão dos bem instalados que mal conhecem (ou fingem desconhecer) os antros imundos onde vegetam muitos portugueses anciosos de promoção social, ou tão afeitos às tábuas e lama da barraca, que no momento da **ressurreição**, é preciso tratá-los e ensiná-los como fazem os pais aos filhos mais pequeninos; seja nos subúrbios dos grandes centros, seja até no meio rural.

A menina dos meus olhos tem sido o **Matateu** e seus ajudantes — ata-

refados na colagem da capa do **Ovo**. No escritório é o **Gordinho**, Celso, Adorindo, **Eusébio**, Toninho, **Canário**, **Picoto** e **Cobrita**. Este sobretudo, pela sua indolência, consome um nadita. E há que espevitá-lo. E espevitar os outros mais pequenos e irrequietos. A confecção e expedição de um livro é serviço complexo, moroso, que exige muito trabalho. Mas a gente, apesar das imperfeições, vibra com os nossos Rapazes; com o seu trabalho. E até pela sua generosidade. Ainda agora, por exemplo, estava para aqui ocupado com a notícia e o Adorindo, olhos finos, que seriam o encanto do pai se fôsse vivo, **larga a banca** dos livros. Em umas das mãos era fio, na outra um pacotinho de rebuçados.

— Quem tos deu?!

— Foi uns visitantes.

Abre o pacotinho e tira seis. Poucos lá ficaram!

— Um é para si. Os outros pró seus filhos.

Apeteceu-me dar uma ferradela no Adorindo; um amor de criança!

Os senhores mai-las senhoras não percam tempo. Estamos na hora! Peçam já o **Ovo** das férias. Façam o pedido mesmo em um simples bilhete postal. E nesta hora em que meio mundo descansa, que melhor companheiro para gerar **inquietação** do que o pequenino e revolucionário **Ovo de Colombo**?!
Júlio Mendes

Fiel à resolução tomada há meses, não tornei a passar de porta em porta, pelo Barredo. Tudo tenho entregue ao Pároco, para que dê semanalmente a uma família com o chefe no Sanatório, e nada falte onde tudo é preciso.

Mas uma ocasião se proporcionou. Como tivesse de ir ao Porto, acompanharam-me dois Seminaristas de Lamego, que estiveram com os nossos rapazes na praia de Azurara. Eles não conheciam e a ideia que se possa dar em palavras é sempre muito distante da realidade. Não é que o Barredo seja para mostrar, mas para esconder. Porém para que eles como futuros Padres saibam como e onde vivem os irmãos mais abandonados, parcela do rebanho da Igreja.

Entrámos só numa porta a meio da Fonte Taurina. As mesmas caras de sempre, e o lamento de não ter ali voltado. E todos a querer que entre, e veja e fale e dê. Entrámos em muitos cubículos. A miséria que é senhora desta zona, estabeleceu-se, criou raízes e não morre nem se muda. A condição certa de quem ali vive é aquela. As crianças, por que inocentes, retratam-na melhor, aumentam-na a seu modo na nudez, na sujidade, nas faces macilentas e no olhar. O olhar das crianças do Barredo! A sujidade entra a rua e sobe até lá acima e agarra-se a eles, às paredes e às pessoas. Há pouco entrei numa casa semelhante na Galeria de Paris. As mesmas divisões acanhadas sem ar e sem luz; o mesmo sistema de albergaria; mas que limpeza, a começar três andares abaixo, onde a locatária mora e dirige os serviços de cozinha para os que não podem cozinhar nos quartos. Que diferença. Afinal o espaço é o mesmo, rendas e condições de vida quase idênticas, embora pessoas lavadas, nada andra-



josas. Um mundo diferente. De quem a culpa? Quem serão os verdadeiros culpados do Barredo? Se fosse um apenas, já a justiça dos homens lhe caíra em cima, mas ele são tantos! E a maior culpa não toca a quem lá mora! Adiante.

Fomos ao senhor Francisco, que quis levantar-se para nos dar um abraço, mas as forças não chegaram. Uma senhora que lá passou a morar, arrumou tudo, pôs o dedo da mulher. O Barredo outra vez ao contrário. Aquilo que devia ser e não é. A senhora Maria Nôcuna não estava. Só um gato à porta entreaberta. E fomos mais acima, num pulo pelas escadas, ao quarto de senhora Carlota. Que feliz! O senhor da Figueira continua a mandar-lhe religiosamente uma ajuda avultada, que ela não sabe como agradecer. Uma vizinha inesperadamente ofereceu-lhe um lugar numa viagem a Fátima, com passagem pela Figueira. E ela não aceitou sem lhe escrever a perguntar se podia e não levava a mal. E depois lá andou a procurá-lo. «Era ele e a senhora e recebi-me tão bem que até me apetecia beijá-lo. Só que lhe menti! Queria que comesse com ele e, com vergonha, disse que já tinha encomendado numa pensão. Olhe se eu ia comer a uma pensão...»

E ali estivemos deliciados a ouvi-la. Outra vez o Barredo ao contrário. O que podia ser e não é porque não há quem dê a mão. Se houvesse muitas famílias que tomassem o encargo dum Pobre daquelas zonas, o Barredo sem sair do lu-

gar, mudava depressa. Mas continuamos fechados. Cada um pelo seu lado a fazer a seu modo sem lhe dar que ao mesmo tempo três ou quatro concorram para um a quem sobeja, e fiquem outros à míngua. De uma instituição soubemos que negou revelar o nome dos socorridos para orientação de quem pretende conhecer o terreno que pisa.

A assistência social, oficial e particular ali empenhada, se não dá as mãos em mútuo entendimento de princípios e distribuição de trabalho, anula irremediavelmente a sua eficácia.

Padre José Maria

AQUI, LISBOA!

Cont. da TERCEIRA página

tas através do barro que aqui escreve, não sejam as últimas.

Para terminar este apelo queremos pedir, se alguém souber duma camioneta em segunda mão, com carga útil à volta dos 6.000 quilos e que não escale, o favor de nos informar. Nós precisamos de acarretar os materiais adquiridos ou ofertados, pois não podemos comportar a despesa dos fretes. E quem sabe? talvez surja uma surpresa!

Padre Luís



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOCAMBIQUE